

Documento de Registro de Entrevista para o site de MHEPCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

José Henrique Heydman Jr.

Centro de Memória da Etec Trajano Camargo

Limeira/SP

2018

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistadora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Instituição: Escola Técnica Estadual Trajano Camargo, em Limeira

Levantamento de dados preliminares à entrevista:

A entrevistadora conhece o entrevistado de longa data e trabalham juntos na mesma instituição escolar há 23 anos. José Henrique tem estreita relação com o Trajano Camargo, desde o tempo de aluno do ginásio industrial até assistente técnico administrativo, nos dias atuais. Em maio de 2012, estava finalizando o 2º mandato de diretor. Pelas realizações dos oito anos de gestão e pelos planos futuros, foi feito o convite para uma entrevista. Ela versou sobre passagens de sua história pessoal e alguns acontecimentos do passado e do presente dessa tradicional escola técnica. Esse registro e demais informações obtidas em conversas informais, têm sido usados como fonte para as pesquisas sobre a história da escola.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Local da entrevista: sala da diretoria da Etec Trajano Camargo, Rua Tenente Belizário, 439, centro, Limeira/SP

Data: 22 de abril de 2012

Técnico de gravação: Débora Aparecida Benett

Duração: 60 minutos

Número de vídeos: 2 (dois)

Transcritora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Número de páginas: 15

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada anos antes do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, das capacitações Clube de Memórias XXIX e XXX, propostas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional, na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, desenvolvidas entre agosto e dezembro de 2018. Por ser tido como relevante, o depoimento está sendo apresentado esse ano. Relevante porque o entrevistado tem profunda ligação com a escola, mais de 50 anos, considerados o tempo como aluno no ginásio industrial e no colégio técnico da Unicamp (que funcionava no prédio da escola), professor por 30 anos, vice diretor, coordenador dos cursos técnicos de mecânica, metalurgia e eletroeletrônica, mais 13 anos na equipe de direção. Estava concluindo o 2º mandato de diretor e nada melhor do que um depoimento oral para contar sua passagem pela escola, onde permanece como assistente técnico administrativo e gestor de pessoas, com livre trânsito entre palmeirenses, corintianos e são-paulinos, funcionários, professores do ETIM e dos cursos técnicos modulares. É um incentivador dos projetos de pesquisa que visam com fontes, memórias e lembranças reconstruir alguns períodos da história da escola Trajano Camargo.

Transcrição da entrevista

Entrevistado: José Henrique Heydman Jr.

Data da transcrição da entrevista: 24 de julho de 2013

Nome do transcritora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Vídeo um (56 minutos e 40 segundos)

MAGB: Você é um caso único aqui na escola, ocupou uma sucessão de cargos desde estudante até agora. Passou uma longa vida na escola e poderia fazer uma síntese dos diversos momentos vivenciados por você: como aluno, professor, coordenador, vice diretor e diretor. Como era a vida de estudante, a metodologia dos professores? Como os professores trabalhavam? Quais as marcas que a escola deixou? Como ela era vista pela comunidade?

JHHJ: Fiz Engenharia de Produção Mecânica na Universidade Metodista de Piracicaba (1976-1981), mas sempre me considerei professor. Exerci engenharia por algum tempo, mas a profissão é professor.

MAGB: O cargo de diretor foi de 2004, essa última vez?

JHHJ: Fiz o concurso, 15 de julho de 2004, o 1º mandato terminou em 15 de julho de 2008, quando fui reeleito e o 2º mandato termina agora em 15 de julho de 2012.

MAGB: Cargos anteriores que ocupou aqui na escola?

JHHJ: Fui professor, coordenador da área de mecânica por uns vinte anos, vice diretor de 91 a 93, daí em 93, por 4 meses, fui diretor, com o falecimento da profa. Márcia. Assumi a direção da escola pelo Diário Oficial. Como não tinha pedagogia veio diretor do Centro Paula Souza, a dona Clara. Voltei para as aulas, dei um ano de aulas e, em 94, teve concurso no Centro Paula Souza, todo mundo prestou e me tornei professor por tempo indeterminado. Em 95, com a D. Neusa Bertim como diretora, assumi a coordenação do curso de mecânica. De 95 a 2004, fui coordenador de mecânica, por nove anos e, por duas vezes, coordenador de eletroeletrônica.

MAGB: Esses critérios, o cargo de coordenador é escolhido entre seus pares?

JHHJ: No tempo do prof. Arnaldo [de Gaspari], era Secretaria da Educação e era ele quem escolhia. Para o cargo de coordenador fiz concurso. Entrei no dia 18 de abril de 1976 e o Arnaldo entrou em maio de 76 e ficou até 1992.

MAGB: Então era Secretaria da Educação quando se fazia concurso - os funcionários eram efetivos, [um outro que esqueci, depois a gente lembra], em caráter precário. Tinha o OFA? Admitido a título precário, ou não? Enfim existia um efetivo, e um outro, que tinha passado por um processo de escolha.

JHHJ: Vim para a escola, convidado. Em 1976, o então diretor, prof. Fernando Dário me convidou para que substituísse o grande prof. Odecio

Lucke, já falecido, que quase nunca tirava licença. Tirou licença médica, por um mês, e eu o substituí nas aulas de mecânica. Fernando várias vezes foi à minha casa (morava perto de casa), me convidou. E também pelo incentivo do prof. Guilherme de Barros Camargo, falecido, que dava aulas aqui e estudava comigo, de manhã, na faculdade, e me convidou e me incentivou. E aí começaram a sobrar aulas e comecei a ficar, ficar.

MAGB: Qual era o nome da escola?

JHHJ: Acho que era Centro Estadual Interescolar Trajano Camargo.

MAGB: O que significava Centro Interescolar? O que tinha diferente de ginásio?

JHHJ: O Centro já cuidava dos cursos técnicos, de mecânica e de metalurgia. Ginásio era de 5^a. a 8^a série.

MAGB: Tinha ginásio. Vamos ver se entendi: era ginásio, de 5^a. à 8^a, ligado à Secretaria da Educação e você veio aqui como técnico porque o Centro significava a parte técnica. Para que curso?

JHHJ: Já tinha o curso técnico instalado em 1974, 75. O curso de metalurgia já existia, foi o 1^o curso e o de mecânica. Parece que tinha os cursos femininos de decoração e economia doméstica.

MAGB: Então é basicamente isso: dois cursos masculinos - Mecânica e Metalurgia e dois cursos femininos.

JHHJ: Depois foi criado o de Desenho de Ferramentas e Dispositivos (DFD). Era um curso técnico, como mecânica. Cursos de quatro anos.

MAGB: O que existia de escolas na cidade?

JHHJ: Curso técnico só aqui. A escola de comércio, particular, o Colégio Sto. Antonio, o Bandeirantes, com cursos de contabilidade e o ensino propedêutico - Castello Branco, o Ely e o Pozzi, me parece.

MAGB: Entendi. Por que os alunos procuravam a escola?

JHHJ: Por causa das empresas. A escola sempre foi procurada pelo pessoal que trabalha, que ia trabalhar na indústria. Quem tinha um nível social maior fazia Castello Branco. O pessoal que trabalhava durante o dia, estudava à noite, tanto que fervia mesmo os cursos à noite.

MAGB: Que tipo de indústria existia na cidade?

JHHJ: Basicamente, a metalúrgica: Fumagalli, Varga, os carros chefe da cidade, D'Andréa.

MAGB: A escola era vista como? Era uma escola de pobre?

JHHJ: Mais ou menos do estilo Senai, aprendizado, treinamento para o trabalho. Depois é que começou essa visão de fazer o técnico, ser torneiro mecânico.

MAGB: E junto com você, a qualificação dos professores (estou focada nisso), os professores de Português, Matemática, História, Geografia eram licenciados. E quem dava as aulas na área técnica, qual era a qualificação?

JHHJ: Na verdade todos os professores precisavam de autorização anual para lecionar. Os primeiros a fazer licenciatura, fomos eu, prof. Baccan e Paulo César Pires da Silveira. Fomos os primeiros a fazer essa licenciatura na FATEC lá em S. Paulo, no ano de 83.

MAGB: Já existia a FATEC? O que vem a ser esquema 1 e 2?

JHHJ: Esquema 1 era para quem já tinha nível superior, então fazia apenas um ano de pedagogia – estrutura, legislação, regência, disciplinas voltadas para aprender a dar aulas. Começamos em SP e terminamos em Campinas. Esquema 2 era para quem não tinha nível superior, para os técnicos. Era em dois anos. No 1º ano tinha as estruturas técnicas da área e, no 2º ano, a parte pedagógica. Quem fez aqui foi o Flávio.

MAGB: Por exemplo, o prof. Odecio Lucke e o prof. Lourenço Schmidt, fizeram curso do quê?

JHHJ: Fizeram mestría. O único que estudou mais foi o prof. Celestino Mikami que chegou a fazer engenharia, nos anos 70, em Mogi das Cruzes. Fizeram curso técnico e depois esquema 2. No final de 70, em Mogi das Cruzes, ia de vez em quando. Passava a limpo os cadernos (eram perfeitos) e, às vezes fazia isso aqui no intervalo. Ele sempre foi organizado. Os mestres antigos fizeram curso técnico e esquema 2.

MAGB: A década de 70 foi a década da busca da faculdade. É um tempo de faculdade de final de semana, faculdade privada de final de semana, e tinha faculdade que era de político, você sabia, o governo facilitou.

JHHJ: Manoel da Silva e todo esse pessoal fez Ouro Fino. O Manoel começou a dar aula lá.

MAGB: Não, ele fez Geografia em Rio Claro, seria hoje a UNESP.

JH: O Odecio fez. O Manoel fez aperfeiçoamento lá e foi mestre em Ouro Fino por muitos anos.

MAGB: Ah! É mesmo, mestre em Ouro Fino. Comecei a pensar assim: que tinha gente, porque tinha aumento, a pontuação para escolher aula, não me lembro, se era aumento de salário, mas eles precisavam ter curso de

Pedagogia e alguns enveredavam para administração. Por exemplo, o Edison fez isso.

JHHJ: Não lembro o Edison diretor.

MAGB: Mas ele foi diretor, aqui não. Mas o Caetano, etc. e tal, eles não entraram, na década de 70, para fazer esses cursos?

JHHJ: Fizeram o curso para pegar licenciatura em administração, né! Administração Escolar, Pedagogia para ser diretor. O Caetano, vice diretor tinha, o Ari Rigatto, vice diretor do Manoel, o Cyríaco, foi diretor também aqui, o Fernando Dário. Para ser diretor precisava ter Pedagogia e licenciatura em Administração Escolar. O curso se chamava Pedagogia - precisa pesquisar direito isso.

MAGB: Isso é importante e a gente não acha. A partir do momento que assumiam as aulas, existia concurso público para a área técnica?

JHHJ: Era novo esse processo de colégio técnico. Tanto é que o próprio Cotil quando se instalou aqui, em 69, 68/69, trouxe todos os professores da engenharia mecânica da Unicamp para dar aula. Tanto que as três primeiras turmas de 68, 69 e 70 tiveram o privilégio de terem aulas só com os mestres e professores da engenharia mecânica lá da Unicamp. Depois, começou a vir os professores que se formaram e alguns começaram a dar aula. Aqui também para dar aula era difícil encontrar professores para dar aula na área técnica, tanto é que eles começaram a recorrer aos recém-formados. É o meu caso. Eu tinha formado no Cotil e estava começando engenharia em 76. Daí, através desses regimes excepcionais é que podia contratar - lei 500, uma coisa assim, podia contratar pessoa para dar aula. Daí começou. Começamos eu, o Guilherme. O próprio Quintal dava aula na área técnica. Era nesse sistema. Então era assim que contratava. Só começou a regularizar, aos poucos, a partir de oitenta e pouco, começou a aparecer os cursos esquema 1, 2. Assim a própria Secretaria da Educação começou a oferecer professores devido a não ter mesmo mão de obra especializada para o ensino técnico.

MAGB: Então a própria Secretaria da Educação vai criar os seus quadros.

JHHJ: Vai criar seus quadros, através dos convênios com o Centro Paula Souza, com a Fatec São Paulo, para dar esses cursos de licenciatura.

MAGB: E a Fatec de quem era?

JHHJ: A Fatec sempre foi uma autarquia para ministrar curso técnico e tecnológico. Eram inicialmente 15 escolas e, em 94, no final de 93, houve a transição da DISAETE para o Centro Paula Souza. O governo Fleury resolveu passar as 100 escolas técnicas para....

MAGB: Fala o que seria, eu tinha pensado numas perguntas assim ... nas entrevistas não dá para colocar tudo. Quais seriam as tarefas cumpridas, a cumprir, os momentos marcantes ao longo da sua vida na escola, depois a passagem, em 94 para o Centro Paula Souza. O que tem para falar em termos de professores, alunos?

JHHJ: A escola até 91 era uma escola da Secretaria da Educação, cujo diretor era o prof. Arnaldo. O governo conseguiu, praticamente, sucatear todas as escolas técnicas porque não tinha verba, não tinha nada. Tudo o que a gente recebia de verba para as oficinas, laboratórios, era o mesmo de uma escola normal, como Ely e outras escolas, era lousa e giz. Em 91, separaram as escolas técnicas das escolas propedêuticas.

MAGB: Quando foi isso?

JHHJ: Em 91. Então criou-se a DISAETE que era departamento, diretoria ... e todas as 100 escolas técnicas do estado de São Paulo foram para essa diretoria.

MAGB: Quantas escolas tinham?

JHHJ: Acho que 100. Em 91, 92, 93 tinha essa DISAETE, só que era uma coisa precária, que foi criada só para tirar da Secretaria da Educação. Por isso, os antigos diretores perceberam essa jogada do governo e tiveram a opção de sair e se transferirem para outras escolas da Secretaria da Educação. É o caso do prof. Arnaldo que resolveu ir pra escola Prada. Transferiu-se. Saindo o prof. Arnaldo, o cargo ficou vago e como não tinha muita gente que tinha pedagogia, foi criada pelo Diário Oficial uma portaria que dispensava, provisoriamente, o diretor dessas escolas técnicas de ter curso de pedagogia, provisoriamente. Nesse momento a profa. Márcia Coletta assume a escola e eu como vice-diretor.

MAGB: Hum, hum.

JHHJ: Daí foi o momento que eu acho o momento inicial, que culmina agora em 2002. E a escola só está agora como está porque começou naquele dia. A profa. Márcia estudou comigo. Éramos colega de escola, o ginásio nós fizemos aqui. E vamos fazer uma escola totalmente nova. Fizemos verdadeiras loucuras aqui na escola, criamos o ensino integrado que não existia, existiam só os cursos técnicos, né, manhã e noite. À tarde a escola era ocupada pelo Ely e por outras escolas que não tinham onde se abrigar e vinham para o Trajano. Foi criado o ensino integrado que era manhã e tarde. Polêmica muito grande na cidade movimentou o meio político da cidade e o Jurandir Paixão [risos], num ato de coronel, falou “não, ali é o Trajano e o resto tem que sair”. Foi criado o curso técnico nosso e o Ely foi colocado ali no vó Lucato, nos contêineres e o Trajano recuperou todo o seu espaço, passamos a ter Integrado, aula de manhã e à tarde. Foi criado refeitório. Nesse momento é que a D. Neusa, convidada por nós, veio assumir o refeitório da escola. Por sermos integrado era obrigatório ter refeitório. Até 93

foi isso aí. Em 93, com o falecimento da profa. Márcia eu assumi. Como eu não tinha curso de pedagogia, não pude ficar. Daí, o que aconteceu? A profa. Márcia morreu e depois de um ou dois meses, veio pelo D.O., a comunicação de que o governador Fleury estava transferindo todas as escolas pertencentes à DISAETE para o Centro de Educação Tecnológica Paula Souza, o CEETEPS. Então nós passamos. Era um grande sonho da profa. Márcia ir para o CEETEPS. Não conseguiu ver esse sonho realizado. Daí virou Centro Paula Souza. Quando virou Centro Paula Souza, muitos professores - como o Centro Paula Souza tinha como premissa concurso público, foi aberto um grande concurso público, aberto a toda comunidade. Então, muitos professores que eram da Secretaria da Educação vieram fazer concurso aqui. E com isso os quadros foram selecionados. Muitos professores que eram da DISAETE não continuaram aqui porque não conseguiram pontuação necessária pro concurso. Daí se formou um novo quadro de professores para o Centro Paula Souza, né! Neste período, de formação desse novo quadro, logo em 95, eu assumi a coordenação do curso de Mecânica e nós começamos a fazer o que podíamos. Não foi nenhuma maravilha porque o que mudou foi apenas o nome. E o salário realmente também mudou. Lembro perfeitamente que o holerite da DISAETE era X reais e no outro mês, que mudou para o CPS, dobrou o salário.

MAGB: Ah é? Hum.

JHHJ: Tenho esses holerites até hoje.

MAGB: Ai que bom. Enquadra [risos].

JHHJ: Com a mudança que houve. Daí, só o que teve de investimento foi muito pouco mesmo porque estava quebrado. O Centro Paula Souza, de 1994 até 1996, não conseguia nem pagar o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço dos professores, atrasava. Daí, numa atitude unilateral, extremamente egoísta, o Sr. Mário Covas pegou e desvinculou o salário do Centro Paula Souza da CRUESP – do Conselho de Reitores das Universidades Públicas de S. Paulo. Em 1996, desvinculou o salário e deixou o salário com perdas até se igualar, a ser abaixo do salário da Secretaria da Educação.

MAGB: E chegou a ser abaixo?

JHHJ: Chegou. Nós tínhamos salário mais baixo do que a Secretaria da Educação, por conta de não termos aumentos e não ter mais a CRUESP. Isso foi motivo das atuais demandas de professores contra o Centro Paula Souza, todas elas, muitas delas com o parecer favorável.

MAGB: E daí, como é que... que é que se foi feito, as atitudes que lembram algumas das iniciativas de elevar, porque, por exemplo, como é que poderia, na sua visão de hoje, como você enxerga o Trajano Camargo, hoje. Qual a ideia que se tem, a comunidade escolar, a cidade, da escola Trajano?

JHHJ: É, o Trajano, justamente nessa década, por ter sido muito tempo deixado sem investimento, além de investimento, perdeu a autoestima de professores e de alunos. Então, na década de 90, até 97-98 tínhamos problema sério de aceitação nas empresas, né. Com a nova LDB, com as mudanças gradativas, a escola foi se consolidando, no final da década de 90, do meio pra frente da década de 90, foi se consolidando e, creio que, a aceitação final da escola ocorreu, em 2002, com a reforma da escola. Em 2002 a escola teve uma reforma muito grande da qual...

MAGB: Do prédio?

JHHJ: Do prédio, uma reforma muito grande. E, com isso a escola tomou uma nova cara, né. A parte pedagógica já estava sendo bem cuidada, os professores já davam conta do recado, mas a escola precisava ter uma melhoria física. E ela veio com essa reforma de 2002, na qual a escola foi pintada, feita a parte elétrica, enfim, os laboratórios foram reformados, as placas pintadas, a iluminação nova deu novo ânimo. A partir daí muito mais. Em 2003, já estava bem animado. Em 2004, quando eu assumi a escola, eu assumi a escola com um certo privilégio porque os anos mais difíceis foram realmente os da profa. Neusa, que foi de 94, quase 95, até 2003, final de 2003.

MAGB: Era 94 ou 95?

JHHJ: É, agora não lembro.

MAGB: Depois a gente vê. 2003?

JHHJ: 2003, 2004. Ficou dez anos, de 1994 a 2004, na qual ela teve que mudar o paradigma da escola, dos professores. Com os alunos, os vestibulinhos que começaram a selecionar os alunos pra cá, começou a melhorar a qualidade. Enfim, há, começou-se, aos poucos a melhorar a cara da escola. E como disse pra você realmente foi a parte mais difícil, pegou uma estrutura ruim, teve que melhorar. Já em 2004, quando assumi a escola já tinha uma escola praticamente consolidada em termos - faltando muita coisa, mas em termos físicos, um corpo docente já engrenado. Vim fazer o quê? A parte 2, que seria a expansão e a melhoria contínua que faltou. Pude investir numa coisa que era muito importante, que era a mão de obra, que são os funcionários. Em 2004, a primeira coisa que foi dada foi o curso de informática pra que todos os funcionários tiveram um curso, aqui dentro da escola, no horário de trabalho, curso de informática, através de um convênio com a Microlins. 100% dos funcionários fizeram o curso e nós começamos a investir maciçamente em informática, não com o dinheiro do Centro, com o dinheiro da Associação de Pais e Mestres. Outra jogada, não graças a mim, mas à equipe que trabalhou, foi darmos assim pro aluno um retorno do investimento dele, de uma maneira mais acintosa em cima do aluno. Por quê? O aluno pagava uma APM muito baixa, em 2003, 2002, mas não via o retorno. Então passamos a fazer a propaganda do que era feito. Então, colocamos internet, compramos computadores para toda a secretaria, CPD,

começou aí a prestação de contas. Então a arrecadação da APM aumentou, muito, mas muito mesmo, e começou-se a poder fazer muitos investimentos na escola. Por exemplo: ventiladores em todas as salas, informatização da biblioteca, internet banda larga, sempre paga pela escola, depois que veio a Intragov, nós já tínhamos isso aí pago. Enfim, cursos para os professores - o prof. Diogenes começou a dar vários cursos para os professores, capacitação interna e externa do Centro Paula Souza, mas aqui dentro conseguimos fazer vários cursos de capacitação para os professores, investimos em tecnologia nos laboratórios, então, enfim, conseguimos dar uma cara mais moderna pra escola. Isso teve como reflexos, o aumento da procura por vagas. Nós iniciamos também um processo – lembro que fizemos uma reunião de marketing da escola, em torno do prof. Rommel, que tinha trabalhado com isso. Começamos a ir muito na televisão, muito no rádio, divulgar o trabalho do Trajano Camargo. O Trajano Camargo tinha dificuldade, esse ranço que tinha de que só o Cotil formava os técnicos, né. Nós começamos a mostrar na televisão os projetos que a escola fazia uma série de coisas, a melhoria da escola. Isso, aos poucos. As pessoas começaram a dizer: não sabia que a escola tinha isso, aquilo... Isso foi cada vez mais, com a apresentação dos projetos que foram ampliados, foram colocados, inclusive na grade do ensino médio e técnico, deu mais visibilidade pra escola. E hoje, ao longo desse tempo aí, a escola é bastante procurada, a escola tem um respeito muito grande, aonde a gente vai é respeitado, os alunos nossos são muito bem aceitos nas empresas, independente do curso, onde eles vão falam que são do Trajano Camargo. O Trajano Camargo mudou. Outra coisa: se você não muda o que os outros pensam da instituição fica difícil. Então, mudou isso muito, graças a tudo, aos professores, a tudo, enfim, mas eu acho que a grande cartada de tudo isso aí foi realmente, né, o espírito de mudança que nós tivemos, né, Digo nós, todo mundo que veio viu uma escola abandonada e depois ter orgulho de ter uma escola bonita, bem arrumada, sendo sempre elogiada. Outra coisa que gostaria de falar também de importante que (isso é particular, não para me gabar, é meu mesmo) sempre gostei de valorizar os meus professores, os professores que eu tive e a escola. Como eu estudei aqui, entrei aqui em 1965 [sorrisos], para fazer o admissional, na época, então passei muito tempo aqui, então eu sempre achei que a gente deveria valorizar os professores, relembrar. Então, desde o início de 2004, todo ano fazemos, no aniversário da escola, uma homenagem aos seus professores, aos seus alunos, fazemos questão de mandar convite para que eles viessem aqui, sim. Valorizar o trabalho dos ex-professores, dos ex-funcionários, dos ex-alunos aqui na escola. Isso acho muito interessante, espero que continue isso aí no futuro porque é importante as pessoas valorizarem o trabalho de quem passou por aqui. A escola teve, realmente, de grande ... o Trajano Camargo, na década de 50, 60, foi uma escola muito boa. Teve uma queda em 70-75 até 91. Infelizmente, foi um período muito ruim. Mas, depois, recuperou tudo. Posso dizer que a escola, não podemos comparar a década de 50, 60 com a nossa atual, mas a escola tá assim, com o mesmo brilho que ela estava na década de 60, na década de 50, quando era uma escola respeitada. Conseguimos resgatar tudo isso aí. E a escola tá realmente muito bem.

MAGB: Então, ótimo. E o que poderíamos esperar para daqui a algum tempo? Acaba sua gestão agora e vamos dizer assim: podemos dizer assim, quais seriam os desafios, as perspectivas, o que o próximo diretor poderia fazer pela escola?

Vídeo 2 dois minutos e cinquenta e três segundos)

JHHJ: Bom, preciso tomar um cuidado bem reforçado: nós sabíamos que a escola, que vai pra 59 anos, é uma escola que já não tem condição de abrigar mais alunos, é uma escola já, embora assim bem conservada, é uma escola que não tem mais condições de ampliar os laboratórios, de receber equipamentos de alta tecnologia. Desde 2004, a gente batalha no Centro Paula Souza pra que houvesse uma reforma no prédio. Batalhamos por muito tempo, todos nós e, em 2009, com o “Brasil profissionalizado”, programa do governo federal, nós finalmente conseguimos uma reforma pra escola. Inicialmente era para começar em 2010, foi, sendo adiada, adiada como todo empreendimento público, e agora nós temos certeza de que ela vai começar no final do ano, no final do ano ou no meio do ano que vem. Vai começar. Um investimento de quatro milhões de reais, na qual vamos derrubar a parte de trás da escola e construir novos laboratórios para atender a atual demanda, mesmo porque, em conversa com o engenheiro da CPOS, que veio fazer toda a parte de acessibilidade, que agora as escolas que não tiverem a acessibilidade não vão poder funcionar. Ficou um dia inteiro atrás disso aí vamos dotar esse prédio da frente e o de trás, totalmente construído, com acessibilidade. Então vamos construir uma escola nova. Vamos passar por um período difícil, por reforma, no mínimo, dois anos, que a escola vai estar trabalhando, deslocar curso, uma série de coisas. Quem for entrar, os candidatos que se propõem a entrar, vão estar sabendo isso aí, mas como diz o velho ditado “não se faz uma omelete sem quebrar os ovos”. Então, vai realmente ter que passar por um período difícil, mas vai ser para nosso bem, porque vamos colocar mais oito ou nove laboratórios climatizados. Vai ser um ganho muito grande, a escola deve passar pra 1.800 a 1.900 alunos. Nós temos atualmente 1.500. Deveremos também ... isto está firmado em documento. Pra que pudéssemos ganhar essa reforma tivemos que prometer duas coisas: 1º um curso de EaD - ensino à distância, vamos ter um centro de ensino à distância aqui, inclusive com suas capacitações pros professores, ensino à distância, né.

MAGB: Do quê?

JHHJ: Hã. Isso não foi escolhido ainda. Foi só escolhido um curso que seria diferente e pensamos em segurança do trabalho. E também a ampliação de 1.500 para 1.800 vagas. Isso tudo foi assinado em contrato. Então, o diretor que entrar vai, com certeza, ter muitos desafios e esse é um deles, o maior creio eu, com o fim de melhorar a pedagogia, melhorar os sistemas. A informatização dos sistemas é necessária, tem que ser feita o quanto possível, não se pode trabalhar mais com chamada manual, tem que ser

informatizada e já até tem um sistema para isso. Os desafios são muitos, mas com certeza, no final o horizonte promete muita coisa boa para a escola.

MAGB: Eu acho que foi suficiente, não? E aí aguentou a filmagem?
Débora: Tá terminando.

MAGB: Então nós vamos fechar com uma hora cravada. Muito bem, sr. diretor, muito obrigada. Você falou direitinho.

JHHJ: Eu é que agradeço esse momento de falar sobre minhas experiências no Trajano Camargo.

Descritores

Ensino técnico integrado

Reforma do prédio de 2002

DISAETE

Centro Paula Souza

Escola-comunidade

Escola-empresas

Arnaldo De Gaspari

Márcia Della Coletta Sillman

Formação dos professores

Esquema 1

Esquema 2

Capacitação de professores

Implantação de tecnologia nos laboratórios

Curso de informática para os funcionários

Associação de Pais e Mestres (APM)

Divulgação dos cursos e projetos no rádio

Divulgação dos cursos e projetos na tevê

Implantação de um curso à distância

Registro de frequência e notas dos alunos (nsa).

José Henrique Heydman Jr.

Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

História Oral na Educação

Escola Técnica Estadual Trajano Camargo

Dados Biográficos do Entrevistado



José Henrique Heydman Jr. durante a entrevista

Fotografia: Marlene Benedetti, 16/10/2018

Jose Henrique Heydman Jr. nasceu em 1º de setembro de 1955, em Limeira/SP. A formação básica, o primário, foi no Grupo Escolar Cel. Flaminio Ferreira de Camargo e o curso ginásial no Ginásio Industrial Estadual Trajano Camargo; Técnico em Máquinas e Motores no Colégio Técnico Industrial de Limeira. Curso superior: Engenharia de Produção Mecânica na Universidade Metodista de Piracicaba; Licenciatura em Mecânica, Esquema 1, FATEC São Paulo; Licenciatura em Pedagogia pela ASMEC e Latu sensu em Ensino Aprendizagem pela UNISAL. Quanto a sua trajetória profissional e instituições ou empresas onde trabalhou entre os anos de 1973 e 2000, nas empresas: General Motors do Brasil, Citrosuco do Brasil, Máquinas Invicta, CIFAL Indústria Metalúrgica. Como professor atuou entre 1976 e 2004, na Etec Trajano Camargo, Organização Einstein de Ensino, E.E. Pozzi e E.E. Ely de Almeida Campos, em Limeira.

Dados biográficos do (a) entrevistador (a)



Marlene Aparecida Guiseliini Benedetti

Fotografia: Dugan Robbins, 31/12/2018

Marlene Aparecida Guiseliini Benedetti nasceu em 15 de abril de 1946, em Limeira, SP. Fez educação básica: o antigo primário no Grupo Escolar Cel. Flamínio Ferreira de Camargo e o ginásio no Instituto de Educação Castello Branco; magistério ou curso normal na mesma instituição. Curso superior: Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (atual UNESP); História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé (MG); Estudos Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ouro Fino (MG). Na trajetória profissional, como professora de 1º. e 2º. graus na rede estadual: início, em 1968, em Araras, no Ginásio Industrial Estadual Alberto Feres e, a partir de 1970, em Limeira, nas atuais escolas estaduais: Castello Branco, Prof. Nestor Martins Lino, Profa. Ruth Ramos Cappi, Prof. Lázaro Duarte do Páteo, Prof. Antonio Perches Lordello. Exerceu, durante um ano o cargo de diretora e, por dois anos, o de coordenadora de projeto de reestruturação do curso noturno, no Perches Lordello. Há 23 anos, leciona na Etec Trajano Camargo. Desde 2006, realiza pesquisas sobre a história da escola Trajano Camargo. Faz parte do GEPEMHEP.

Anexos: (documentos sigilosos)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais do entrevistado

Termo de Autorização para uso de Imagem do entrevistado